

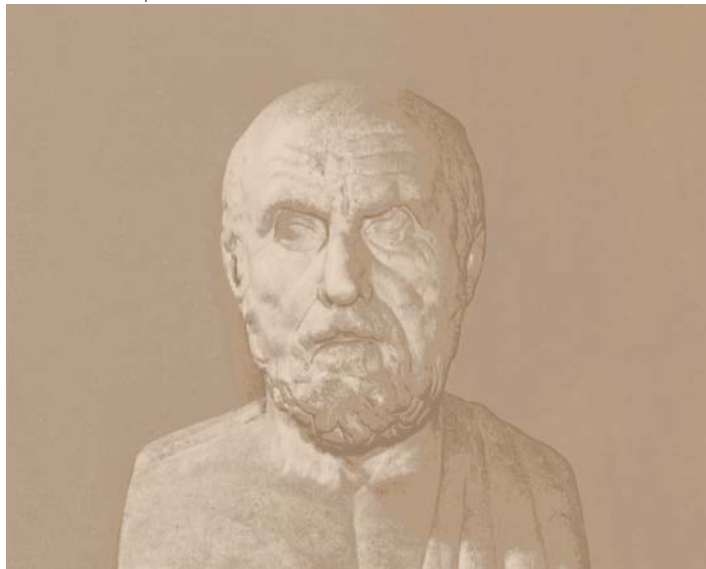
## SECÇÕES

### Bioética e Direito

**Esta Secção destina-se a discutir os vários aspectos que ligam a preocupação ética na área sanitária à formulação jurídica do direito à saúde, seja quando disciplinada em lei, seja quando decidida pelos juízes – individualmente ou nos tribunais.**

**Espera-se receber tanto comentários relativos às decisões na matéria quanto informações que possibilitem o exame ético-sanitário das decisões. Do mesmo modo, serão bem-vindas manifestações semelhantes pertinentes a projetos de lei, ou mesmo à legislação vigente, que polemizem princípios morais na área da saúde**

José Geraldo de Freitas  
Drumond



Busto de Hipócrates. Museu Capitolino, Roma

### Bioética e ensino superior

Quando decidi estudar ciências biológicas, pensava que, como muitos, a biologia tratava do “estudo da vida”. Foi ao final do curso que percebi que não estávamos estudando a *vida*, mas o *material biológico*. Certamente, por isso me considero hoje um “biólogo torto”, no sentido de ter adentrado no campo da bioética e das ciências humanas para melhor poder entender o significado da *vida* e *como* os estudantes da área científica formam seus valores durante o processo educativo que se inicia, na verdade, muito antes da universidade, mas que se reforça significativamente nela. Considero este ponto, o da formação dos novos cientistas, como crucial para a manutenção do que hoje se entende pelo “fazer ciência”, e devo voltar ao mesmo mais adiante.

A bioética, dentre inúmeras definições que existem e se modificam, é alicerçada em um conceito-chave: *relação*. Relação entre organismos, entre entidades, entre vidas. Vai mais além do que a relação médico-paciente, e as temáticas derivantes desta que hoje predominam em congressos de bioética no Brasil – que mais apropriadamente deveriam se chamar congressos de ética biomédica e biodireito. Vai também mais além do que a intra-específica ética entre seres humanos. Ela abarca tudo aquilo que vive e que sustenta a vida, com a qual nós, humanos, nos relacionamos. É um campo vasto e de várias aplicações. Tem uma característica essencialmente transdisci-

plinar e por mais que alguns especialistas argumentem em favor de sua inserção nos cursos de graduação na forma de disciplina, ela deve ser também indisciplinada e transgredir as grades curriculares, invadindo áreas distintas do conhecimento e das relações.

Tomando o rumo das relações para a abordagem da bioética, volto à questão de seu papel na formação do cientista. A educação científica encontra-se, hoje, em profunda crise. Além das exigências cada vez maiores da sociedade em relação à educação em si, a crise na educação científica é acompanhada por uma crise paradigmática que provém dos questionamentos lançados à própria ciência. Se a bioética parte das bases morais das relações, podemos nos perguntar: que tipo de cientista formamos hoje? Como ele se relaciona com a sociedade durante e após sua formação? Que tipo de conhecimento está sendo produzido? E o que fazer com tanto conhecimento? Parece que a ciência, há muito, adotou um modelo produtivista próprio do sistema capitalista. Uma lógica que acaba por valorizar a quantidade, ao invés da qualidade. Uma ciência aplicada à produção de novas e caras tecnologias, que geralmente atende a pequeno e abastado setor da sociedade. Uma metáfora pode ser interessante nesse momento. Fazer ciência hoje é como cavar um buraco nas entranhas da terra, visando “descobrir” cada vez mais o desconhecido. Hoje, nos especializamos cada vez mais em cada vez menos. A especialização é um afunilamento, nesta metáfora. Porém, pensemos nos buracos: ao nos aprofundarmos no buraco, precisamos jogar a terra que abre

o caminho, que descobre, para algum lugar. Esta terra é jogada para fora, encobrindo o entorno da atividade. Ali o cientista cria o conhecimento, entocado. Ao aprofundar-se, se afasta do horizonte, agora mais encoberto ainda pelos recursos que foram deslocados até onde chegou. Pouca luz chega naquela profundidade, criando a necessidade de mais e mais equipamentos para tornar sua busca eficiente e produtiva. Estou longe de querer defender a teoria de que cientistas são “minhocas de jaleco”. Apenas teço a observação de que o que se percebe hoje, dentre outras coisas, é um comportamento verticalizante na produção do conhecimento, acompanhado de um distanciamento da superfície, onde observamos os fenômenos em sua totalidade. A ciência que se perde na técnica é uma ciência que se perde nas relações. A bioética aplicada nesse contexto da produção científica é uma voz que surge da superfície, de onde observa, curiosa, aquela terra toda sair do buraco, perguntando: *quem financia seu empreendimento? Quem se beneficia com ela? O que te move?* Ou mais simplesmente: *o que devemos fazer com essa terra toda?* Traz à tona, literalmente, questões sobre o impacto desse movimento de exploração.

A idéia da ciência como mundo à parte, de laboratórios, brancos, frios, ainda é visível e reforçada no fazer ciência. Muitas metáforas serviriam para ilustrar como a ciência encontra-se em um tempo e espaço distintos das reais necessidades da sociedade. Some-se a esse distanciamento, bastante generalizado dentro de muitos ramos da ciência, uma falta de compromisso com o fazer ciência enquan-

## SEÇÕES

to arte. Uma reportagem da *Nature*, na edição de 9 de junho, mostrou um estudo com mais de 3.000 pesquisadores norte-americanos, no qual cerca de 1/3 admitiu alteração ou omissão de resultados ou dados em pesquisas científicas, muitas vezes por pressão de órgãos financiadores. Interessante também é o caso da Imutran, companhia de biotecnologia que liderava pesquisa em xenotransplantes e que, para ter seus trabalhos publicados, alterava dados sobre o sucesso dos transplantes de coração de porcos para macacos. Ao mostrar esse sucesso aparente em suas publicações em revistas científicas, conseguia mais verbas, até a verdade vir à tona, em 2000, e obrigar a empresa a se mudar da Inglaterra para os Estados Unidos. Tais exemplos mostram íntimo casamento entre a produção científica e os interesses de órgãos financiadores, por vezes indústrias farmacêuticas ou de biotecnologia, que ocorrem em escalas sutilmente perigosas. Mas isso é, obviamente, parte da realidade da produção científica. Não interessa, neste olhar da bioética, focar apenas os recursos ou métodos empregados por essa parcela. Um olhar geral nos leva a outra metáfora, não minha desta vez, mas do sociólogo Charles Mills, citado pelo ilustre Rubem Alves em recente coluna publicada na revista *Educação*. Mills comparou o momento em que vivemos a um barco em cujos porões estão remadores que remam cada vez mais rápido, cheios de competência e técnica. Esse barco rasga os mares com velocidade cada vez maior. Mas existe um problema sobre o qual ninguém pensa, pois estão demasiado ocupados com o remar: eles não sabem para onde o barco está indo... Não conduzimos mais o barco, o barco agora nos

conduz; ou como bem colocou Thoreau, *nos tornamos instrumentos de nossos instrumentos*. Em ambas as metáforas o destino é desconhecido por incorreremos em um mesmo erro: o de ignorar as relações. Quando roubei um cão minutos antes de uma aula de fisiologia durante minha graduação, optei, na época inconscientemente, por uma ciência que se importou com a integridade de uma relação que deveríamos preservar: a do respeito pelo sofrimento do outro. E isso é apenas uma relação das várias que vão se perdendo ao longo do processo de formação do cientista. Sob um olhar técnico,  $1 + 1$  será sempre igual a 2. Sob um olhar bioético, ou sistêmico, essa resposta levará em consideração a qualidade da soma, os laços que envolvem as parcelas da equação e o contexto do resultado.

Em meu trabalho como educador na universidade, procuro chamar a atenção para esses outros olhares sobre as realidades. Somos sujeitos orgânicos e, organicamente, através da visão e de outros sistemas de percepção, podemos reconhecer e delinear objetos de forma a atingir um consenso sobre os mesmos. Se for colocada uma bola na frente e solicitado que a desenhem da forma mais aproximada como a vêem, certamente farão algo parecido com um círculo. Mas além de sujeitos orgânicos somos sujeitos conceituais. Se pedisse para que, a partir dessa bola, representassem algo no papel, surgiriam bolas de vôlei, um corpo celeste, um olho, um buraco, um bambolê... elementos que representam histórias, memórias, cotidianos. Um chimpanzé, uma vez, obedecendo aos comandos de um cientista, pediu uma bola num pedaço de

papel. O animal fez um risco reto na folha. Pensaríamos: “pobre animal irracional”. O chimpanzé, tomando a bola, passou-a por cima do papel. Estava, na verdade, representando o movimento da bola. Simples relação geometria-movimento. Assim aprendemos sobre a vida, sem o movimento. A técnica é o olho, a compreensão é o corpo. Um corpo desconfortável pode aprender, mas não compreender. E o desconforto surge de uma má postura, de um ritmo frenético – no qual estamos todos embebidos em nossas rotinas, afazeres, e que nos faz esquecer do corpo –, tarefa fácil para nós, já condicionados. Desconfortáveis, como os remadores no porão do barco metafórico citado acima, porém remando. Aprendemos a arte de remar, mas não a compreendemos... A bioética é a arte de compreender, analisar, indagar, questionar. De qualquer ponto, problema ou questão ela é instrumento que desdobra, desenrola, indica, incomoda. Nos faz pensar sobre o que somos e o que fazemos no mundo. A juventude sempre foi uma parcela indagadora na sociedade, o que a torna um elemento importante... E questionar é essencial não apenas no meio social, mas também no científico. O que atualmente se percebe nas academias é um ambiente saturado, sofrido, por vezes hostil ao questionamento. Vejo nas universidades estudantes num nível de estresse e sobrecarga que não permite espaço para a aquisição de uma formação íntegra de outras inteligências, dentre elas a inteligência crítica ou moral. As instituições seguem um critério bancário de “quanto mais informação, melhor”. E a academia e a ciência já foram diferentes. Já foram

permeadas por mais engajamento, prazer e envolvimento. Já foram palco onde a ética passeava com mais fluidez e instigava atitudes, pensamentos e posturas diferentes.

Hoje, a academia é uma fábrica de repetições, na qual fazer ciência é seguir receitas onde se modificam algumas variáveis ou concentrações para que algum artigo seja publicado e mais um número seja adicionado aos números institucionais, estaduais, nacionais...

Na atualidade, a academia carece, e muito, de um espaço onde novos valores possam ser desenvolvidos, estimulados, revistos, problematizados. O quadro não me parece saudável. Optamos por atropelar aspectos da formação que são cruciais para um novo perfil de profissional, mais crítico e adequado aos desafios éticos que surgem com cada vez mais peso em nosso planeta. Valores como justiça, liberdade, cuidado, atenção e criticidade já não mais encontram a devida atenção por parte da instituição, que se curva em uma postura mais caracterizada por valores de dominação e supremacia – da natureza, dos animais, do corpo, dos sentimentos, das relações.

Sim, estamos com um problema de ordem ética que se inicia muito cedo na forma como somos educados. Mas precisamos reconhecer, com urgência, que é preciso olhar com cuidado o processo de formação que enfatiza demais um corpo de conhecimentos técnicos em detrimento de outras dimensões do conhecimento. Entender a bioética sem a devida atenção a essas dimensões que nos constituem

## SEÇÕES

enquanto seres humanos é empobrecê-la. Impede que não apenas profissionais mais qualificados e capazes sejam inseridos (e não apenas lançados) na sociedade, mas também a formação de pessoas mais íntegras e humanizadas.

### **THALES TRÉZ**

---

Biólogo formado pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em “Ética Aplicada” pela Universidade Católica de Leuven (Bélgica). Atualmente, atua como professor assistente na Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas (EFOA/Ceufe), onde ministra aulas na área de educação para estudantes de Ciências Biológicas